

## CARTA ABERTA À COMUNIDADE ACADÊMICA DA UFRSA

AOS UFRSIANOS/AS,

“Na cidade que habitamos, seus equipamentos urbanos e logradouros públicos, tais como as vias pelas quais nos movimentamos, não deviam ser entendidos como meios físicos neutros, funcionais, desprovidos de dimensão simbólica. Na vida de uma comunidade, cada edificação, cada centímetro de asfalto, concreto ou aço que compõem o espaço público são portadores de cultura. Ruas, praças, prédios e outras construções recebem ainda um nome e, com isso, não só participam da vida coletiva da cidade como também de uma experiência memorial”. Nesta afirmação inicial, idealizada pelos professores de história, José Otávio Nogueira Guimarães e de direito, Cristiano Paixão, registra-se um componente significativo da experiência memorial que os brasileiros são submetidos em todos os momentos. Muitas vezes desconhecemos a quem essas homenagens foram registradas. Sabemos quem foi o nome de nossa rua? Bairro? Prédios públicos? A dimensão da memória impõe diversos significados, inclusive a ideia de movimento. Ultrapassados 32 anos após o processo de redemocratização, a geração presente impõe um movimento novo, com ares democráticos, reivindicadores de uma justiça de transição que seja capaz de proporcionar o direito à memória e à verdade com Justiça.

Em uma instituição cinquentenária como esta, a história própria confunde-se com a da cidade que a circunda, com da região que a cerca, com a do Estado que a guarda. De fato, foram inúmeros desafios vencidos para a chegada desta data. Pessoas, nomes desconhecidos, colocados num passado já pouco acessível. Doravante, ainda em suas entranhas, ecoa a frase de João Ulrich Graf: “É a voz do pioneiro que fala”. Assim, construiu-se o mais imponente sonho do mossoroense: gravar no coração do sertão potiguar uma escola de agricultura. E foi no solo fértil e semiárido que se fez a história. Sem dúvida, a ESAM reuniu aquilo que era possível, os desbravadores que construíram as bases que hoje são referência para a qualidade de ensino, pesquisa e extensão dessa universidade. As paredes, que nesta noite nos abrigam, também acolheram aqueles que vieram antes de nós. Mulheres e homens que lutaram pelo futuro incerto, no presente difícil, por um passado honroso.

Assim, durante esse dia, em todas as atividades, nossos debates buscaram refletir sobre o momento de transição em que vivemos, as dificuldades enfrentadas e os espinhos



presentes nesse caminho. Trabalhar a Justiça de Transição e a História do Direito no Brasil é, sem dúvida, um trabalho hercúleo, de pessoas que acreditam no resgate daqueles que foram calados pelos detentores do poder que as grandes narrativas nos contam. Aqui, não poderia ser diferente, no seio da pérola do ensino superior potiguar existe uma ferida aberta no tempo, que nos leva a um passado duro, sofrido, de nosso povo. Referimo-nos ao pouco conhecido, mas significativo nome do ginásio da UFERSA. O ginásio de esportes Presidente Costa e Silva, inaugurado em 5 de maio de 1974, remonta a um passado em que a perseguição política e ideológica era não apenas naturalizada, mas criminalizada.

Os anos de 1967 a 1969, que corresponderam ao governo Costa e Silva e que consolidaram o endurecimento do regime ditatorial no Brasil, foram notáveis a repressão aos direitos políticos e o controle dos poderes executivos estaduais e municipais. Além disso, esses anos cercearam o legislativo federal com o fechamento do Congresso Nacional e a cassação dos mandatos dos deputados advindo com poder dado pelo Ato Institucional número 5. O Governo se transformava, então, numa ditadura sem precedentes na história institucional.

Esse cenário repressivo favoreceu a luta das classes mais afetadas e subjugadas pelo regime, sobretudo a classe estudantil, que desempenharia a resistência. Com a intensificação da repressão, durante a presidência de Costa e Silva, ocorreram acentuadas torturas e mortes, dentre elas as de Edson Luís Lima Souto, Carlos Marighella e Antônio Henrique Pereira Neto, o Padre Henrique. Homens que lutaram por ideais de liberdade e expressão.

Remetendo à contemporaneidade, podemos nos ater ao Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade, que apontou o nome de Arthur da Costa e Silva como um dos 377 agentes do Estado responsáveis por crimes cometidos durante a ditadura.

Negar esta Memória é negar os direitos fundamentais, e mais especificamente os direitos humanos, pois não se concebe Democracia sem lembrar os tiranos e os autoritários governos de outrora; como haverá lembrança de direito ao processo devido ou à vida, se não se remeter ao passado próximo, em que nossos irmãos e irmãs lutaram e deram seu sangue para nossa liberdade?

O processo de uma ditadura não se concretiza apenas no controle do presente, mas também no controle sobre o futuro. Controlar o que deve ser memorado ou silenciado, ou ainda, direcionar como algo deve ser memorado corresponde a um dos pressupostos de controle sobre o futuro, principalmente quando homenagens concretizam um espaço

004  
M

de experiência para um horizonte de expectativas próprias. Imortalizar espaços de memória como um nome de praça, rua, bairro ou ginásio não pode ser ignorado no presente.

Hoje, a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, descendente direta da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), nascida do sonho grafíniano e da luta de pioneiros, tem a chance, mais uma vez, de fazer história e construir um futuro com um olhar gracioso para o passado. Diante do legado deixado ao longo dos seus 50 anos de existência, a comunidade acadêmica da UFERSA, por meio do Grupo de Pesquisa em História Constitucional e Direitos Sociais da UFERSA, vem solicitar a alteração do nome do Ginásio de Esportes Presidente Costa e Silva.

A mudança se dá em razão de uma aposta que anuncie um futuro democrático justo e que se coadune com a realidade transicional que se impõe sobre nossa experiência.

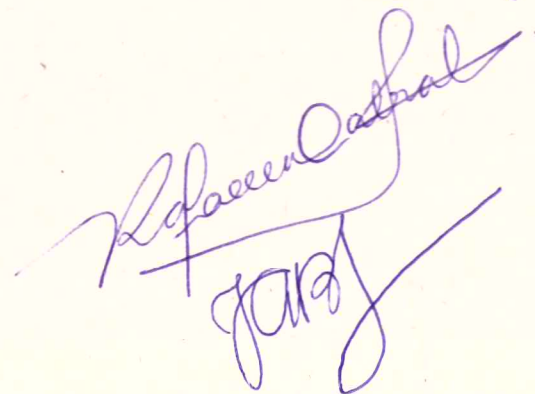
A comunidade ufersiana não pode continuar a pactuar com o silêncio sobre violações de direitos humanos, cometidas por agentes do estado, ocorridas nos anos ditatoriais no Brasil, nem continuar a promover homenagens àqueles que tiveram seus nomes escritos na história do Brasil como entes do poder público que disseminaram o uso da tortura e demais abusos e arbitrariedades para manter o poder e a submissão de toda a sociedade. Esse tipo de convivência é absolutamente incompatível com os princípios do Estado Democrático de Direito, do qual a, então, UFERSA, nasceu e foi desenvolvida. Por fim, além de romper com a memória autoritária, se faz imprescindível reconhecer as personalidades que lutaram e lutam para a construção de uma nação livre e democrática.

Por fim, pugna-se a revogação pela revogação do atual nome do Ginásio de Esportes da UFERSA.

Por ser expressão da verdade, firmamos a presente para que produza seus devidos efeitos legais.

Atenciosamente,

Mossoró-RN, 06 de dezembro de 2017.



005  
W